

A Produção Social da Identidade e da Diferença: a Complexidade no Pensamento de Edgar Morin e a Cidadania Empresarial

ODS 10: Redução das Desigualdades

Daniele Alves Saraiva¹ (Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS)

Cecília de Castro Britto² (Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS)

Karla Mendonça de Paiva Brito Mincolla³ (Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS)

Márcio Bonfim Policarpo⁴ (Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS)

Phablo Fernando Paula Lemes⁵ (Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS)

Celso Augusto dos Santos Gomes⁶ (Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS)

Suzana Lopes Salgado Ribeiro⁷ (Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS)

Resumo

O trabalho apresenta uma análise integrada e aprofundada dos conceitos de identidade, diferença, complexidade e cidadania empresarial, articulando-os de maneira dinâmica com a identidade social, o pensamento complexo e a responsabilidade social corporativa. Baseado em autores renomados como Silva (2014), Morin (2008) e Magno e Barbosa (2007), discute-se detalhadamente como as práticas e discursos empresariais podem tanto reforçar quanto transformar identidades e diferenças no contexto social contemporâneo. A abordagem crítica utiliza a teoria educacional e os processos culturais para destacar as interações entre as dinâmicas de poder e as ações empresariais, que moldam diretamente as relações sociais. A partir da perspectiva da complexidade, o texto explora em profundidade como as empresas, enquanto entidades sociais inseridas em um sistema globalizado, influenciam diretamente a produção de identidades e a criação de diferenças sociais e culturais. A cidadania empresarial, frequentemente promovida sob o rótulo de responsabilidade social corporativa, é analisada de maneira crítica e reflexiva. Esse conceito, em muitos casos, pode perpetuar desigualdades, marginalizações e exclusões, ao mesmo tempo em que reforça identidades hegemônicas, sem questionar as estruturas de poder que as sustentam. Nesse sentido, a pedagogia crítica é chamada a ir além da simples celebração da diversidade cultural e social. Ela deve promover uma compreensão mais profunda das relações de poder que moldam

¹Aluna do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional, Varginha, Minas Gerais, Brasil. E-mail: daniele.saraiva@alunos.unis.edu.br

²Aluna do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional, Varginha, Minas Gerais, Brasil. E-mail: cecilia.brito@alunos.unis.edu.br

³Aluna do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional, Varginha, Minas Gerais, Brasil. E-mail: karla.mincolla@alunos.unis.edu.br

⁴Aluno do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional, Varginha, Minas Gerais, Brasil. E-mail: marcio.policarpo@alunos.unis.edu.br

⁵Aluno do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional, Varginha, Minas Gerais, Brasil. E-mail: phablo.lemes@alunos.unis.edu.br

⁶Professor do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional, Varginha, Minas Gerais, Brasil. E-mail: celso.gomes@unis.edu.br

⁷Professora do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional, Varginha, Minas Gerais, Brasil. E-mail: suzana.ribeiro@professor.unis.edu.br

as identidades e propor a desconstrução das representações dominantes. O papel das empresas, portanto, é central tanto na promoção de transformações sociais quanto na perpetuação de desigualdades, caso não haja uma abordagem crítica e reflexiva. O estudo, assim, convida à reflexão sobre o impacto das práticas empresariais na construção de identidades e nas dinâmicas sociais contemporâneas.

Palavras-chave: Identidade; Diferença; Complexidade; Cidadania Empresarial

Introdução

O presente texto intenciona estabelecer relações entre os conceitos de Identidade e Diferença (Silva, 2014), Complexidade (Morin, 2008) e Cidadania Empresarial (Magno e Barbosa, 2007) entendida a partir de uma análise integrada dos campos da identidade social, do pensamento complexo e da responsabilidade social empresarial. De maneira a pensar que a “produção social da identidade” reflete como as empresas podem tanto reforçar quanto transformar identidades e diferenças por meio de suas práticas e discurso, de maneira que os conceitos podem ser entrelaçados ao se pensar em como as empresas, como entidades sociais complexas, têm a capacidade e a responsabilidade de influenciar as identidades e diferenças sociais por meio de suas práticas, ao mesmo tempo em que operam dentro de um sistema que requer uma abordagem complexa e integrada para enfrentar os desafios contemporâneos.

Cabe pontuar que o estudo foi feito com base na leitura de três textos centrais, que apresentam os conceitos e os referenciais teóricos que definem e abordam os conceitos, estabelecendo fundamentos para a área.

Nesta direção, o ensaio “A Produção Social da Identidade e da Diferença”, de Tomaz Tadeu da Silva (2014), examina as noções de identidade e diferença no contexto do multiculturalismo e da teoria educacional crítica. Silva (2014) argumenta que o multiculturalismo, frequentemente sustentado por uma perspectiva de tolerância e respeito à diversidade, falha em fornecer uma base para uma pedagogia crítica e política que problematize a identidade e a diferença. Ao integrar as ideias de Edgar Morin (2008) sobre complexidade e o conceito de cidadania empresarial discutido por Magno e Barbosa (2007), podemos enriquecer a discussão, abordando as identidades e as diferenças como fenômenos complexos e interconectados, além de explorar as implicações políticas e sociais dessas construções.

Em um mundo no qual o limiar entre o público e o privado se torna cada vez mais fluido, a identidade e a diferença se revelam como campos de disputa e negociação, onde questões de poder, ética e participação são constantemente renegociadas. Silva (2014) argumenta que essas identidades são produzidas através de atos discursivos e práticas sociais que, longe de serem neutras, estão impregnadas de poder e autoridade. A construção da identidade hegemônica e a definição do "outro" como diferente ou inferior são processos que reforçam hierarquias sociais e perpetuam desigualdades. A linguagem desempenha um papel central nesse processo, funcionando como uma ferramenta de produção e fixação de identidades e diferenças. Inspirando-se na teoria linguística de Saussure (1978 apud Silva, 2014) e na performatividade de Butler (1999 apud Silva, 2014), Silva (2014) sugere que a identidade é continuamente performada e reproduzida através de práticas discursivas repetitivas, as quais podem tanto consolidar quanto subverter as identidades dominantes.

Isso nos conduz à necessidade de uma pedagogia da diferença, que não apenas reconheça as diversidades, mas que também atue de forma crítica e transformadora, questionando as estruturas que sustentam as desigualdades, ajudando as pessoas a analisar e desconstruir as representações dominantes que moldam a percepção da realidade. Essa pedagogia deve ir além da simples celebração da diversidade, enfrentando as questões de poder e desigualdade que permeiam a produção de identidades. Ao promover uma compreensão crítica da interconexão entre identidade e diferença, a educação pode capacitar os indivíduos a desafiar as normas hegemônicas e a construir novas formas de ser e existir que sejam mais inclusivas e justas.

Revisão da literatura

Identidade e Diferença: Definições e Relações

Inicialmente, a identidade é definida como “aquilo que se é” e a diferença como “aquilo que o outro é”, ambas percebidas como entidades independentes. Porém, ao considerar que a identidade e a diferença não são, na verdade, tão independentes quanto parecem à primeira vista, Silva (2014) desafia essa visão ao afirmar que identidade e diferença são interdependentes e mutuamente determinadas. Ele propõe que a diferença precede a identidade, sendo o processo fundamental pelo qual ambas são produzidas. Essa interdependência revela que tanto a identidade quanto a diferença são construções

sociais que emergem das relações de poder e das dinâmicas culturais. Em vez de serem entidades fixas ou naturais, elas são continuamente negociadas e redefinidas conforme o contexto social muda. Assim, ao mesmo tempo que nos definimos por aquilo que somos, também nos definimos por aquilo que não somos, e essa relação de oposição é fundamental para a compreensão das identidades. Portanto, a identidade e a diferença estão intrinsecamente conectadas, sendo resultado de processos históricos, culturais e políticos que determinam como nos vemos e como vemos o outro.

Linguagem e Produção de Identidade e Diferença

A identidade e a diferença são apresentadas como criações sociais e culturais, produzidas por meio de atos linguísticos. Silva (2014) utiliza a teoria linguística de Ferdinand de Saussure (1978) para argumentar que a linguagem é um sistema de diferenças e que os significados só fazem sentido em relação a outros signos.

Essa definição linguística ressalta as relações de poder quando definidas pela diferenciação, como incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não pertencem”), quando demarcam fronteiras (“nós e eles”); classificam (“bons e maus”, “puros e impuros”, “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”), normalizam (“eles são normais; eles são anormais” (Silva, 2014, p.81-82). Essa transmissão de ideias de diferenciação que perpassam as gerações, reforçam as ideologias de certos grupos sociais, naturalizando as hierarquias, os preconceitos na sociedade. Devemos compreender e refletir quais os impactos dessa linguagem na sociedade, portanto proporcionando percepções que podem mudar as atitudes, quando uso a linguagem para valorizar a diversidade, quando essas mudanças podem produzir movimentos pela luta de classes, pela desigualdade social.

. Essa transmissão de ideias de diferenciação que perpassam as gerações, reforçam as ideologias de certos grupos sociais, naturalizando as hierarquias, os preconceitos na sociedade. Devemos compreender e refletir quais os impactos dessa linguagem na sociedade, portanto proporcionando percepções que podem mudar as atitudes, quando uso a linguagem para valorizar a diversidade, quando essas mudanças podem produzir movimentos pela luta de classes, pela desigualdade social.

Com a globalização, um dos meios de comunicação que pode ser usado como uma ferramenta positiva é a internet, que é um meio bastante utilizado e que pode mobilizar as pessoas para a construção e afirmação de suas identidades.

A linguagem, entretanto, é instável e marcada pela indeterminação, um conceito reforçado pelos teóricos pós-estruturalistas como Jacques Derrida (1991). Silva destaca que essa instabilidade afeta a identidade e a diferença, tornando-as igualmente indeterminadas e instáveis.

Poder e Identidade

A produção da identidade e da diferença está intrinsecamente ligada às relações de poder. A definição de identidade e diferença é uma disputa social que envolve a inclusão e exclusão, a demarcação de fronteiras, a classificação e a normalização. Essa dinâmica de poder que molda a identidade e a diferença é enraizada em práticas sociais e culturais que operam de maneira sutil, mas eficaz. A identidade hegemônica, que se posiciona como a norma, exerce seu poder ao definir o que é considerado "normal" ou "aceitável", relegando as identidades subalternas à margem. Silva explica que a identidade hegemônica se estabelece como norma, enquanto as identidades subalternas são marcadas pela diferença. No contexto, em que as afirmações da identidade e sua proposição na diferença, eleva e ascende essas relações de poder, é inegável o aproveitamento dos diferentes grupos por ascensão e bens materiais, enaltecendo uma diferenciação negativa que deveria ser entendida como um processo construtivo, quando nos diferenciamos uns dos outros construímos nossa própria identidade. Quando a diferenciação ressalta uma vertente excludente e divisória torna-se hierárquica, justificando as desigualdades os preconceitos e discriminações, reforçando a criação de estereótipos. Essas identidades subalternas são, assim, rotuladas como "outras" e, muitas vezes, carregam o peso da exclusão e do estigma. Esse processo de normalização e exclusão não é apenas uma questão de percepção individual, mas um mecanismo social que legitima certas identidades enquanto desvaloriza outras. A identidade hegemônica não se impõe apenas pela força bruta, mas também através de práticas culturais, discursos e instituições que reforçam a ideia de que há uma maneira correta de ser, enquanto qualquer desvio dessa norma é visto como inferior ou anômalo. Por isso, a produção da identidade e da diferença é sempre uma arena de luta, onde as relações de poder se manifestam tanto em grandes estruturas sociais quanto nas interações cotidianas. O desafio, então, é reconhecer essas dinâmicas e questionar os sistemas que perpetuam a desigualdade, buscando formas de desestabilizar as

identidades hegemônicas e promover um reconhecimento mais igualitário das diversas formas de ser e existir.

Essencialismos e Fixação da Identidade

Silva (2014) critica o essencialismo cultural, que tenta fixar identidades por meio de mitos fundadores e essencialismos biológicos e culturais. Os mitos fundadores permitiriam ligar as pessoas, através de um vínculo de pertencimento a um grupo, um sentimentalismo e a imposição de uma língua única e comum, faz parte desse processo de criação, proporcionando as bases para uma suposta identidade nacional, porém a fixação dessas identidades através dos essencialismos e mitos fundadores causaram distorções da realidade que favoreceram certos grupos em relação a outros. Ele aponta que a fixação da identidade é sempre uma tendência impossível de ser totalmente realizada. A formação da identidade está em constante transformação, devemos levar em consideração o contexto dinâmico de fatores históricos, políticas, econômicas, sociais e culturais, portanto, as influências externas e internas tendem a modificá-la constantemente. É importante considerar que o essencialismo cultural e a tentativa de fixação da identidade também desconsideram a complexidade das experiências individuais e coletivas. Cada pessoa carrega em si múltiplas camadas de identidades, que se entrelaçam e se transformam ao longo do tempo. Essas identidades são resultado de uma série de interações sociais, culturais e históricas que desafiam qualquer tentativa de simplificação ou homogeneização. Em vez de procurar fixar identidades, seria mais produtivo adotar uma abordagem que reconheça a diversidade, a multiplicidade e a dinâmica inerentes à formação identitária.

Hibridismo e Desestabilização da Identidade

O autor também aborda processos que desestabilizam a identidade, como o hibridismo, a diáspora, o nomadismo e o cruzamento de fronteiras. Estes processos desafiam a pureza das identidades, promovendo a mistura e a transformação (Silva, 2014).

O conceito de hibridismo, especialmente no contexto da formação de identidades nacionais, raciais e étnicas, refere-se à mistura e combinação entre diferentes culturas, etnias e raças. Na teoria cultural contemporânea, o hibridismo é utilizado para desafiar a ideia de que as identidades são puras e separadas. Em vez de ver as identidades como

completamente distintas e segregadas, o hibridismo questiona essa visão, argumentando que, quando diferentes grupos se encontram e se misturam, a identidade que emerge não é mais uma simples reprodução das identidades originais. Em vez disso, ela se torna uma nova identidade híbrida, que combina elementos de ambas as culturas, mas ainda preserva alguns traços das identidades de origem.

Essa hibridização, ou mistura de identidades, não ocorre em um vácuo; ela acontece em contextos no qual os grupos envolvidos têm diferentes níveis de poder. Muitas vezes, esses processos de hibridização surgem de relações conflituosas entre grupos nacionais, raciais ou étnicos, especialmente em cenários marcados por ocupação, colonização e opressão. Em muitos casos, essa hibridização é forçada, resultante da dominação e da opressão de um grupo sobre outro.

Silva (2014) também discute como os movimentos literais de grupos de pessoas, seja por obrigação ou escolha, influenciam a identidade. A teoria cultural contemporânea utiliza esses movimentos para entender como eles desestabilizam e desafiam a tendência de manter as identidades fixas. Por exemplo, as diásporas, como a dos africanos escravizados, colocam diferentes culturas em contato, favorecendo a miscigenação (mistura de raças) e a hibridização (mistura de culturas). Esses processos transformam e desestabilizam as identidades originais. Movimentos migratórios em geral, como a migração de pessoas das antigas colônias para as antigas metrópoles, também afetam tanto as identidades subordinadas (menos poderosas) quanto as hegemônicas (dominantes).

Além disso, o autor apresenta “a viagem” como uma metáfora para a natureza sempre em movimento da identidade. Embora menos traumática que a diáspora ou a migração forçada, a viagem faz com que quem viaja se sinta um “estrangeiro”, alguém que é visto como “o outro”. A viagem proporciona a experiência de “não sentir-se em casa”, o que, de acordo com a teoria cultural contemporânea, caracteriza todas as identidades culturais. Durante a viagem, experimentamos, mesmo que temporariamente, as delícias e inseguranças da instabilidade e da precariedade da identidade.

Performatividade e Identidade

Utilizando o conceito de performatividade de Judith Butler (1999), a qual utilizou-se de uma perspectiva inovadora sobre a formação da identidade nos estudos de gênero, Silva (2014) argumenta que a identidade não é apenas descrita, mas continuamente

produzida através de atos linguísticos repetitivos. Aqui, a linguagem é colocada como elemento fundador e de base, o papel central no que diz respeito à formação da identidade e diferença, pois são nos processos discursivos que percebemos que a identidade e diferença não são estáticos. Esses dois elementos não são apenas de “descrição”, mas de “transformação”. São organismos vivos, sem essência inicial, mas que podem ser performados. Mas como? Através da repetição. Ao falarmos estamos reproduzindo uma crença. A repetibilidade da linguagem permite tanto a consolidação quanto a contestação das identidades hegemônicas. Essa teoria é defendida por Jacques Derrida (1991 apud Silva, 2014) como “citacionalidade”. A citacionalidade seria nada mais do que a repetição da linguagem e a formação das crenças que se promovem ao se repetir certos estigmas e conceitos. Assim, a formação de estereótipos vem com a repetição cultural das falas, formando a cultura sobre as pessoas, locais etc.

Judith Butler (1999), em sua teoria, rompe com a ideia da citacionalidade e defende a possibilidade de que é possível romper com esses paradigmas, subvertendo essas repetições (citacionalidades), oferecendo oportunidade para a formação de novas identidades, novas crenças, novos estereótipos, promovendo diversidade e inclusão.

Complexidade e Identidade

Ao envolver nessa discussão as ideias de Edgar Morin (2008) sobre a complexidade, podemos compreender a produção da identidade e da diferença de uma forma mais integrada e holística. Morin, em “A Complexidade e a Empresa” (2008), destaca a importância de reconhecer a interconexão e a interdependência de todos os elementos dentro de um sistema complexo. Aplicando essa perspectiva, as identidades e as diferenças não são vistas apenas como resultados de processos sociais e linguísticos, mas como fenômenos emergentes de múltiplas interações e influências recíprocas.

A abordagem de Morin (2008) enfatiza que a identidade é um fenômeno complexo e assim ela o é devido ser formada pela linguagem, a qual é mutável, pois envolve não apenas fatores culturais e sociais, mas também históricos, biológicos e ecológicos. Isso ressoa com a visão de Silva (2014) de que a identidade e a diferença são processos contínuos de produção, sujeitos a influências diversas, instáveis e flexíveis.

Na teia da complexidade proposta por Morin (2008), identidade e diferença ganham vida no que tange ao fato desses dois elementos colaborarem para a formação da produção social, processos os quais envolvem relações de poder. Permite-se em Morin (2008) observar que, dentro da complexidade, as identidades e, portanto, as diferenças são muito mais difusas, quando se considera o mundo proposto dentro de um multiculturalismo.

Cidadania Empresarial e Democracia

Magno e Barbosa, em “Cidadania Empresarial: o ardil da destituição do dissenso” (2007), discutem como a cidadania empresarial pode obscurecer as relações de poder ao promover uma imagem de responsabilidade social e consenso, enquanto suprime o dissenso e a crítica. Essa perspectiva complementa a análise de Silva (2014) ao destacar como as empresas podem influenciar a produção de identidade e diferença através de suas práticas e políticas. A cidadania empresarial, ao focar na responsabilidade social corporativa, muitas vezes perpetua desigualdades e mantém as identidades subalternas em posições de desvantagem. Isso ocorre porque tais iniciativas geralmente evitam questionar as estruturas de poder que sustentam essas desigualdades. Assim, as identidades hegemônicas são reforçadas, enquanto as diferenças são toleradas apenas superficialmente, sem um verdadeiro engajamento com as questões de poder e exclusão.

Mais uma vez, as questões de relações de poder tão bem estabelecidas no contexto de “recorte e colagem” apresentado por Tomaz Tadeu (2014), nos leva a refletir sobre as crenças estabelecidas pelo uso da linguagem e sua citacionalidade, trazendo fenômenos que perpetuam um status quo.

Resultados e Discussão

Finalmente, Silva propõe uma pedagogia que vá além da simples celebração da diversidade. Ele defende uma abordagem que trate a identidade e a diferença como questões políticas, centradas na produção e nos mecanismos de fixação e subversão das identidades. Essa pedagogia deveria promover a crítica e a problematização das identidades estabelecidas, incentivando a exploração do múltiplo e do ambíguo.

Trata-se da real convivência do multiculturalismo (convivência de forma igualitária de todas as culturas e crenças) sem posições e crenças hierárquicas ou de superioridade.

A integração do pensamento complexo de Morin (2008) sugere que a educação deve fomentar a capacidade de pensar de maneira interconectada e holística, reconhecendo a complexidade inerente às identidades e diferenças. Isso implica uma pedagogia que não apenas respeite a diversidade, mas que também promova uma compreensão profunda das inter-relações e dinâmicas que moldam as identidades. Tomaz Tadeu (2014) assume esse discurso como um ato pedagógico e curricular. Para o autor, estratégias onde se abordam apenas as causas ou se “finge” tolerância são muito utilizadas hoje em dia no ambiente escolar. No entanto, pouco relevantes. Silva (2014) considera que essas práticas, assim como as punitivas aos que demonstram alguma espécie de preconceito, deveriam ser dispensadas e abraçada uma nova estratégia.

A chamada “teoria cultural de inspiração pós-estruturalista” (Silva, 2014, p.99), questiona como a identidade e a diferença são produzidas, ou seja, vai no cerne da questão e busca formação de consciência, busca pelas causas, como se formam as identidades, onde elas divergem e como efetivamente se iniciam as diferenças e como se estabelecem as relações de poder em torno dessas questões.

Mais do que tratar sintomas, Silva (2014) nos desafia a compreender a profundidade da temática e a percepção na raiz em busca de um real enfrentamento e superação das questões de diferença.

A teoria de Morin (2008) e Silva (2014) corroboram com a perspectiva de Magno e Barbosa (2007), os quais reforçam a necessidade de uma pedagogia crítica que questione as práticas de cidadania empresarial e as relações de poder que elas mantêm. Para promover uma verdadeira democratização e cidadania, a educação deve encorajar o dissenso e a crítica das estruturas de poder, capacitando os estudantes a desafiar as narrativas hegemônicas e a lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

Considerações finais

A reflexão desenvolvida por Tomaz Tadeu da Silva em “A Produção Social da Identidade e da Diferença” (2014) nos conduz a pensar sobre a forma como as identidades são construídas e como as diferenças são determinadas no contexto

social dentro de uma perspectiva da educação e do currículo. Silva (2014) destaca que a identidade e a diferença não são fenômenos naturais ou dados fixos, mas construções sociais que emergem de relações de poder e práticas discursivas e dá ênfase na importância do processo de produção discursiva e social da diferença. Destaca que a identidade é um processo dinâmico e instável, continuamente reproduzido através da linguagem e sujeito a subversões.

Os conceitos trabalhados pelos autores, se complementam, pois ambos visam a construção e reforçam a compreensão sobre as identidades, assim como Tadeu (2014) que considera identidade e diferença como conceitos inseparáveis, interdependentes, pois são atos da criação linguística, conforme já explicitado.

Além disso, Silva (2014) critica a visão essencialista e fixa da identidade, propondo, em vez disso, uma perspectiva que reconheça o hibridismo, a diáspora e a complexidade das identidades como processos em constante movimento e transformação. Essa abordagem permite compreender a questão da identidade, que não se limita às categorias tradicionais e que acolhe a diversidade como parte fundamental do ser humano. Ao considerar as ideias de Edgar Morin (2008) sobre complexidade, a discussão é ampliada para incluir uma visão sistêmica das identidades, onde estas são entendidas como fenômenos complexos, interconectados e interdependentes.

A introdução do conceito de cidadania empresarial por Magno e Barbosa (2007) acrescenta uma camada importante à análise, mostrando como as práticas empresariais podem influenciar a produção de identidades e diferenças. Ao promover uma cidadania que aparenta ser inclusiva, mas que, na prática, mantém e reforça as hierarquias e exclusões sociais, as empresas desempenham um papel significativo na perpetuação das desigualdades, corroborando com a ideia de Tomaz Tadeu (2014), o qual afirma que identidade e diferença estão em estreita conexão com relações de poder.

Essa perspectiva ressalta a importância de uma educação que vá além da simples tolerância e respeito à diversidade, promovendo uma pedagogia crítica que questione as práticas e os discursos hegemônicos e que desafie as estruturas de poder que sustentam as identidades hegemônicas, já que as questões do

multiculturalismo e da diferença se tornaram, nos últimos anos, centrais na teoria educacional e o autor desafia que estas discussões estejam no âmbito escolar e envolvidas nas propostas pedagógicas e curriculares.

Portanto, a proposta de Silva (2014) não é apenas reconhecer as diversidades, mas engajar-se ativamente em um processo de desconstrução das representações dominantes e de transformação das relações de poder que moldam a percepção da realidade. A educação, nesse sentido, é vista como uma importante ferramenta para capacitar os indivíduos a questionarem as normas estabelecidas, a reconhecerem as múltiplas camadas e contextos que formam as identidades e a desenvolverem um senso crítico que lhes permita agir de maneira ética e responsável em um mundo marcado por diferenças.

Em última análise, a pedagogia da diferença sugerida por Silva (2014), enriquecida pelas contribuições de Morin (2008) e pela crítica à cidadania empresarial de Magno e Barbosa (2007), chamam à ação educadores e estudantes para que promovam uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao fomentar a reflexão crítica e a capacidade de questionar as estruturas de poder, a educação pode se tornar um meio efetivo de transformação social, promovendo o reconhecimento e a valorização da diversidade e contribuindo para a construção de identidades mais livres, dinâmicas e interconectadas, onde as diferenças sejam vistas como forças que enriquecem a sociedade e não como barreiras que dividem.

Referências

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOPES LOURO, G. (org.). O corpo educado - Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151- 172.

DERRIDA, J. Limited Inc. Campinas: Papirus. 1991.

MAGNO, A e BARBOSA, S. Cidadania empresarial: o ardil da destituição do dissenso. **Ciências Sociais Unisinos**, 43(3):267-276, set/dez 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/938/93843309.pdf>.

MORIN, Edgar. “A complexidade e a empresa”. In: **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5566228/mod_resource/content/1/LIVRO%20Edgar%20Morin%20%20Introduc%CC%A7a%CC%83o%20ao%20Pensamento%20Complexo.pdf

XIII CICTED
CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

BIOMAS DO BRASIL
diversidade, saberes e tecnologias sociais



50



SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 14. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2014.